

*A lua
no
coração*

ILUSTRAÇÕES

Constança Lucas

CONFORME A NOVA ORTOGRAFIA

São Paulo, 2012

Formato

*A lua
no
coração*

Gláucia Lemos

SUMÁRIO

7	MEU AMIGO SAMBO
12	A MULHER COR-DE-ROSA
19	A MULHER-CARAMUJO
29	A LEI DO REI
35	A MULHER DO CADEADO
39	O NOVO PORTO
43	A CAMINHO DE JUMARAN
50	UM REENCONTRO
55	SAMBO EM JUMARAN



Meu amigo Sambo

Quando saímos em busca de Jumarán, a lua ia alta.

Eu não sabia a princípio por que teria que ser assim. Mas meu amigo sabia-o muito bem. Na véspera ele estivera na praia durante longo tempo, consultando as estrelas, e dessa consulta voltara sabendo a hora exata em que deveríamos partir.

Quando a maré vazou, ele desceu à praia e ficou demoradamente examinando o mar e o céu. Olhando a lua, em silêncio. No silêncio profundo e misterioso da noite. Ele já me havia falado, muitas vezes, que, para buscar Jumarán, teria que observar um dia certo de determinado mês, e ainda um momento exato da lua. E quanto esperei...

Meu amigo era um velho marinheiro de idade incalculável.

Acho que bem poderia ter uns duzentos anos. Como poderia ter somente vinte. A idade que se lhe atribuísse era só olhar para ele e lá estava ela, na sua aparência. Era como se conhecesse a história da própria humanidade. As raízes das coisas e dos fatos. Tudo de que ele falava parecia guardar um significado profundo. Contava-me às vezes coisas estranhas que me deixavam magnetizada, presa a seus olhos expressivos.

Ele tinha um carisma. E um tipo singular: a pele acobreada como a dos índios brasileiros, mas os cabelos, que lhe roçavam nos ombros e eram levemente grisalhos, ainda mostravam mechas de um preto azulado, exageradamente lisas, como os cabelos dos asiáticos. Seus olhos, entretanto, eram profundamente azuis em certas ocasiões. Em outras, porém, tornavam-se sombrios, escuros, conforme o enfoque da sua narrativa. E se chamava Sambo.

Quando o conheci, eu era ainda uma menina curiosa, que vivia bisbilhotando o mundo, ansiosa por descobrir as coisas e todos os mistérios universais. Os adultos estavam sempre muito ocupados com seus interesses e não podiam mesmo me dar muita atenção. Não me lembro de quando o encontrei pela primeira vez, nem qual foi nossa primeira conversa. De repente, éramos amigos e eu conseguia encontrá-lo sempre que assim desejava. E sempre o encontrava disponível para meu rosário de perguntas. Por isso dei para andar pela praia à sua procura. Estaria sempre em algum lugar da praia, eu supunha. E quase sempre tinha razão. Às vezes, também ele me aparecia repentinamente em outros lugares, os mais inesperados. Era imprevisível, e isso me fascinava.